

Ana Julia Ribeiro
Graduanda em
História pela Fa-
culdade de Ciên-
cias Humanas e
Sociais da Univer-
sidade Estadual
Paulista "Júlio de
Mesquita Filho"
– UNESP FCHS
campus de Franca
e bolsista PET-
–História (Pro-
grama de Educa-
ção Tutorial) sob
a orientação da
Prof.^a Dr.^a Marcia
Pereira da Silva.

Contato

ana.j.ribeiro@unesp.
br

Palavras-chave:

imprensa; Franca;
juventude; com-
portamento.

Keywords:

press; Franca;
younghood; beha-
vior.

MODERNIDADE, TRADIÇÃO E COMPORTAMENTO: A PERCEPÇÃO DOS JORNALISTAS DE A MELINDROSA E O ALMOFADINHA SOBRE A ORDEM SOCIAL NO MUNICÍPIO DE FRANCA (1923-1924)

Modernity, Tradition and Behavior: the perception of journalists from A Melindrosa and O Almofadinha about the social order in the municipality of Franca (1923-1924)

Resumo: No início do século XX, o corpo social brasileiro vivenciou os avanços econômicos frutos do desenvolvimento cafeeiro. No Sudeste do país, a cafeicultura impactou significativa-mente as relações sociais, o ordenamento social e os padrões de comportamento, o que foi re-gistrado pelos periódicos que circulavam durante o período no interior de São Paulo, inclusive no município de Franca. Portanto, o presente artigo investiga as perspectivas da chamada elite intelectual francana acerca de comportamentos que julgavam apropriados ao convívio urbano, por meio da análise do discurso dos jornais O Almofadinha e A Melindrosa, da década de 1920.

Abstract: In the early century XX, the Brazilian social body lived through economic advances that came from economic development. In the country's Southeast, coffee production caused a significant impact in the social relations, social order and pattern behavior, which was registered by periodicals which were published during the period in São Paulo's countryside, especially in Franca city. Therefore, the present article investigates the so-called elite intellectual francana's perspective about behavior patterns considered appropriated by them, analyzing the newspaper O Almofadinha and A Melindrosa, from the 20s.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa utilizou como objetos de estudo dois periódicos francanos publicados mensalmente durante os primeiros anos da década de 1920, mais especificamente em 1923 e 1924. Este recorte temporal foi determinado a partir do contato com as fontes, disponíveis no acervo virtual do Museu Histórico Municipal José Chiacchi, localizado em Franca, interior de São Paulo. Tal exame revelou a atual existência de todas as edições mensais dos folhetins *A Melindrosa* e *O Almofadinha* pertencentes aos anos de 1923 e 1924, assim, justificando a delimitação do corpus documental analisado neste artigo. Além disso, torna-se imprescindível comentar que, apesar do exame de todos os textos publicados nos folhetins, somente aqueles que contribuíram para a análise da percepção dos seus escritores sobre os novos costumes da sociedade francana foram comentados no trabalho em questão.

Ambos os periódicos foram produzidos pelo mesmo grupo social: uma elite intelectual local, que conta com lacunas documentais sobre a maioria de seus autores; entretanto, a análise documental feita revelou que os grupos editoriais possuíram como membro um eloquente escritor francano, Antonio Constantino, conhecido pela sua intensa atividade no campo jornalístico da cidade, o que fomentou o ganho do cargo de patrono da Academia Francana de Letras. Constantino foi um dos proprietários do *O Almofadinha*, além de colaborador ativo no folhetim *A Melindrosa*, por meio da frequente publicação de seus poemas; logo, o escritor teve papel primor-

dial na criação e produção destes periódicos.

O grupo criou os determinados folhetins com intuito de divertir a população de Franca por meio de seus textos humorísticos e poesias, que abordavam majoritariamente assuntos contemporâneos à época, esta repleta de mudanças com o advento da modernidade. Desse modo, nota-se que, ao escrever suas colunas, os jornalistas explicitaram a visão da elite intelectual local sobre os comportamentos apropriados a homens e mulheres afinados com a modernidade que se esperava construir na *urbs*, de acordo com a sua perspectiva masculina.

A investigação da mentalidade desses jornalistas depende da reconstrução do cenário histórico no qual eles estavam situados, uma vez que eram homens de seu tempo, isto é, indivíduos imersos nos ditames e conflitos que permeavam a sociedade francana dos anos de 1920. Dessa maneira, a porção interiorana do mapa paulista, na qual Franca está geograficamente situada, sofreu um processo de transformação do cenário urbano, ocorrido entre 1860 e o final da primeira República, que resultou na experiência da modernidade e da modernização nas sociedades caipiras, esta impulsionada pela economia de agroexportação cafeeira e denominada como *Belle Époque* caipira.

A princípio, a revolução científica-tecnológica ampliou a oferta de bens de consumo através de suas inovações, que foram rapidamente popularizadas nas sociedades europeias e tornaram-se itens de desejo ao facilitarem o cotidiano dos indivíduos, auxiliando na criação de um novo modo

de vida, este vinculado ao conceito de modernidade. Isto é, tais objetos de consumo remetiam à expansão dos valores e ideais cosmopolitas burgueses, além das concepções de razão e progresso discutidas pelos intelectuais do período, que foram disseminadas pela expansão europeia da segunda metade do século XIX.

A prodigiosa expansão européia da segunda metade do século XIX envolveu praticamente todas as áreas do globo terrestre numa teia única e estreita de relações e interesses, timbrada pela circulação de homens, mercadorias e informações, em que conceitos como cosmopolitismo e progresso associavam-se, justificando o epíteto gracioso de Belle Époque que os franceses atribuíram a esse período (Sevcenko, 1989, p. 38).

No Brasil, o advento da modernidade surgiu com o crescimento do plantio do café, primeiramente no Vale do Paraíba – onde a riqueza cafeeira passou a interferir no desenvolvimento urbano das grandes metrópoles nacionais – Rio de Janeiro e São Paulo, por meio da implantação de projetos urbanísticos e arquitetônicos inspirados nas cidades francesas. Posteriormente, com o esgotamento da capacidade produtiva da região, o café passa a ser cultivado em outra área do estado de São Paulo: o oeste paulista.

Consoantemente aos grandes centros, os pequenos núcleos populacionais interioranos, carentes de qualquer vestígio de infraestrutura urbana, foram agraciados “pelo aroma forte e instigante de uma bebida dadivosa como o café e atingidos pelo imaginário alimentado em torno do moderno” (Doin *et al.*, 2007, p. 95) o que alterou completamente seu cotidiano e espaço.

A expansão cafeeira permitiu a criação de um cenário fértil para a introdução de “novos acessórios modernos” – como o automóvel, a eletricidade e a urbanização – além da confluência de indivíduos de diferentes localidades e etnias devido ao contemporâneo processo de imigração europeia no Brasil e a migração interna, na qual os migrantes deslocavam-se em busca de melhores condições de vida. Tais fatores conferiram mudanças significativas na dinâmica urbana de cidades como Franca.

Em Franca, a imagem urbana, fruto da expansão cafeeira surge como um catalisador de todo esse processo de modernização veiculado durante a Primeira República. Tal processo representou a modificação da paisagem urbana, sobretudo a imagem dos tempos coloniais: o ideário elitista de equipar o centro histórico fornecendo-lhe uma imagem de progresso e civilização pode ser constatado pelos documentos da época (Azevedo, 2005, p. 175).

É de suma importância salientar que, “a *Belle Époque* caipira era constituída especialmente pela ação de uma elite desejosa de modernizar-se” (Doin *et al.*, 2007, p. 95), ou seja, ao entrar em contato com ideais europeus de organização urbana e civilidade, as elites locais passaram a aspirar um estilo de vida frequentador do centro da cidade, de modo que manipularam o de-

envolvimento urbano a fim de atender a essa nova demanda e garantir a manutenção de seu poder, o que foi nomeada como “modernidade conservadora” pelo historiador José Evaldo de Mello Doin.

Diante desse cenário, as camadas populares moveram-se para as cidades do café atrás de oportunidades de trabalho e maior qualidade de vida, o que favoreceu a criação de um sistema de retroalimentação, isto é, com o crescimento populacional das *urbes*, o poder público necessitou modernizar-se cada vez mais, investindo em redes de esgoto, limpeza pública, calçamento das ruas, entre outros serviços, o que atraiu mais indivíduos às cidades.

Ao adentrar na modernidade dos novos centros urbanos, as classes laboriosas passaram a adotar novos hábitos de sociabilidade, como passeios em parques e idas a cafés, antes exclusivos da elite. Desse modo, o imaginário moderno não limitou-se ao pequeno círculo da classe alta, uma vez que abrangeu as demais camadas sociais.

Além de atuar na modificação dos hábitos, o processo de modernização também interferiu na vigência dos comportamentos sociais, ou seja, na forma como os indivíduos se portavam em meios sociais, sendo assim um exemplo de atuação do processo civilizatório, conceito sociológico utilizado por Norbert Elias (1994) para analisar as normas de conduta e comportamento como manifestações de coerção social, capazes de garantir o controle do Estado sobre seus membros em diferentes esferas do poder, como o municipal. Dessa forma, as elites locais, responsáveis pelo poder público, implementaram novas regras comportamentais sob a ótica do progresso, extinguindo costumes e valores que não correspondiam ao modelo social moderno.

Segundo as historiadoras Tania Regina de Luca e Ana Luiza Martins, com a ascendência do jornalismo durante o período, a atividade jornalística passou a ser caracterizada pela frequente negociação entre o governo e a imprensa das informações disseminadas nas publicações, responsáveis pela formação da opinião pública (Martins; Luca, 2006). A partir disso, torna-se possível compreender a dinâmica da *Belle Époque* caipira em Franca, que foi narrada diariamente pela imprensa local, registrando o linear da remodelação da cidade e as novidades no campo político e econômico; além disso, os periódicos “atuavam como órgãos fiscalizadores e difusores de novos costumes” (Azevedo, 2005, p. 189), sendo assim, comprometidos com a ideia de progresso proposta pelo governo.

Logo, o que vai permear sua trajetória é a sucessão de tempos diversos num jornalismo de modernidade contraditória. A República que se queria dos cidadãos, e ávida de progresso, asentada numa economia de mercado – mas recém-saída da escravidão –, espelhou as contradições da modernidade posta em contexto adverso, assistindo apenas ao engendrar da imprensa como negócio (Martins; Luca, 2006, p. 38).

Importante frisar que, apesar do comprometimento do governo da época com a erradicação do analfabetismo no país, o que fomentou a criação de uma série de programas de alfabetização, o ensino da escrita ainda limitava-se à esfera da elite. Desse modo, o analfabetismo continuava sendo uma realidade latente para a maioria da população, o que justamente popularizou as revistas ilustradas no território nacional (Martins; Luca, 2006).

Nesse contexto histórico, homens membros de uma elite intelectual francana formaram um grupo responsável pela fundação e escrita de dois periódicos pertencentes ao que chamavam de “Imprensa da Mocidade”: *A Melindrosa* e *O Almofadinha*. Em seus textos, os autores abordaram as mudanças vivenciadas pela população com tom humorístico, contudo, também explicitaram sua opinião, muitas vezes conservadora, acerca da modificação dos costumes. Desse modo, nota-se que apesar desses jornalistas afirmarem apoiar a modernização da sociedade, suas mentalidades estavam enraizadas no conservadorismo.

A pesquisa investiga a atividade dos jornais durante o ano de 1923 e 1924, visto que os periódicos são de curta duração; dessa maneira, o período selecionado é aquele que tem o maior número de edições mensais de ambos os jornais.

Portanto, o presente trabalho tem como objetivo analisar os escritos dos periódicos *O Almofadinha* e *A Melindrosa*, situados historicamente na *Belle Époque* caipira, o que influenciou diretamente na percepção dos escritores sobre o comportamento dos gêneros no convívio social moderno.

A origem do termo “almofadinha” diverge entre os historiadores, contudo, as principais especulações estão em torno da realização de um concurso em Petrópolis, no Rio de Janeiro, para premiar o homem que melhor bordasse e pintasse almofadas, atividades ditas como femininas; outros remetem ao hábito de alguns homens levarem almofadas para sentarem nos bancos dos bondes, uma vez que eram muito desconfortáveis, costume este que não foi bem visto por toda a sociedade, o que fomentou sua comparação com a figura feminina de forma a menosprezá-lo. De qualquer modo, a criação do estereótipo do “almofadinha” surgiu da estranheza social acerca da existência de homens fora do padrão comportamental normativo, ou seja, indivíduos que apresentavam características e gostos associados ao *segundo sexo*. Como reação a tal blasfêmia, a sociedade tradicional passou a ridicularizar e inferiorizar os almofadinhas, inclusive em seus meios de comunicação, como os jornais (Melo, 2014, p. 3203-3204). Assim, a escolha do nome do folhetim parece indicar que seus criadores assumiram a imagem de um novo homem, preocupado com questões antes criticadas e associadas ao feminino, considerando-se, portanto, modernos.

Nesse contexto, surgiu em março de 1923, a primeira edição do *O Almofadinha*¹. A inauguração do folhetim inicia-se com a apresentação da figura do Almofadinha diante da população francana, personagem criado para alegrar seus domingos – dia da publicação semanal do periódico – por meio de sua aparência e personalidade particulares, essas descritas por ele em primeira pessoa.

O personagem Almofadinha descreve-se como semelhante a todo o seu homônimo, isto é, suas características são equivalentes ao estereótipo criado sobre esse novo participante do ordenamento social moderno. Seu rosto é coberto por pó de arroz, seus lábios estão sempre avermelhados devido ao uso de maquiagem ou papel de seda vermelha, aprecia o estilo de vida e os modismos europeus, especialmente franceses, o que resulta no emprego recorrente de expressões francesas e no uso de vestimentas da última moda, como pantalonas. Já acerca de sua personalidade, o Almofadinha se identifica como um indivíduo pretensioso e presunçoso, “cheio de si”, mas também indiscreto e falador, inclusive ironizando sobre o sofrimento que causará caso alguém caia sob suas “unhas lustrosas e pontiagudas como as de um tatú-canastra”.

O prólogo do periódico reflete a visão pejorativa desse grupo de jornalistas sobre novas formas possíveis de experimentar a subjetividade do gênero masculino, nesse caso, representadas pelo personagem “Almofadinha”, uma vez que elas contrastavam com o padrão de masculinidade pré-estabelecido na sociedade francana. A partir disso, o folhetim tornou-se palco para discussões sobre as manifestações de gênero surgidas na nova dinâmica social e o padrão

1 A grafia das fontes primárias foram atualizadas para o padrão ortográfico atual a fim de tornar a leitura do texto mais fluida, contudo, não houve alteração do conteúdo das palavras, pontuações ou do sentido original do escrito.

O ALMOFADINHA

Figura 1 – Página inicial da primeira edição do folhetim *O Almofadinha*



Fonte: Acervo digital do Museu Municipal José Chiachiri, uso da imagem permitido pela instituição. Acesso em 14 de setembro de 2023.

comportamental ideal dos indivíduos.

Na coluna sazonal *Bonecos e Calungas*, de autoria do chamado Sancho Pança, o escritor dedica-se em cada edição à criação de um perfil sobre determinado homem francano, citando seus atributos físicos, traços de personalidade, origem e ofício, com o objetivo de caçoar de alguns desses e, muitas vezes, ao final do texto, convidar as jovens da cidade a conhecê-lo. Alguns dos perfilados são categorizados pelo autor como *almofadinhas*, rotulação a qual justifica-se no decorrer do texto com a explicitação de suas características, essas pertencentes ao estereótipo do *almofadinha*.

Na edição de 8 de julho de 1923, o sujeito escolhido para a análise é descrito como “o expoente máximo dos almofadas locais”, visto que era antenado com a moda, o que pode ser visto, por exemplo, pelo uso de sapatos *art-nouveau* de bico fino, paletós de abas excessivamente comprimidas e do seu comportamento associado ao feminino, devido ao modo de andar ser semelhante ao de uma “melindrosa”, segundo o autor.

É, enfim, uma figura bem interessante o Miguelzinho. Vendo, dá-nos a impressão de um bonequinho de celulóide. Quando anda requer mais que uma histérica “melindrosa” em plenos remexos de um repenicado maxixe [...] É o ditador da moda entre nós. Tem uma infinidade de costumes de casemira mas usa, de preferência, um azul marinho, que o torna parecido com um gafanhoto, pelo comprimento excessivo das abas do paletó (Pança, 1923, p.2).

A adoção de hábitos modernos são relacionados no folhetim, principalmente aos almofadinhas, em razão da dificuldade dos homens tradicionais aderirem às novas possibilidades advindas da modernidade. Exemplifica-se: na notícia intitulada *Os ‘pisantes’ de Raphael*, o autor não identificado descreve um acontecimento ocorrido com Raphael, que, mesmo não sendo um almofadinha, resolveu comprar um par de sapatos modernos para ir a uma festa, o que lhe desencadeou um forte desconforto durante o evento.

Quem nesta Franca de meninas bonitas, não conhece Raphael Puglia, um “cabra” com cara de pito de barro e que fabrica foguetes na fábrica do Scarabucci? [...] O Raphael, apesar de não ser “cinturinha”, quis apresentar-se convenientemente “arrumado” e comprou um par de “lanchas” novas. Ao experimentá-las não atentou que estavam justas demais. Enfim, lá se foi rumo Guarã, pisando alto, como fazem os jecas quando estão enfiados no duro ataque.

Chegando lá já não suportava as formidáveis dores, que atormentavam os seus volumosos pés a Carlos Magno e não teve remédio senão telegrafar a sua esposa:

‘Mande urgente primeiro têm botinas vermelhas deixei embaixo da cama’ – Raphael’.

O coitado ao receber as botinas que tiveram pomposa recepção na estação de Guarã, teve

tamanha satisfação que mandou rezar uma missa campal em ação de graças pela libertação de seus pés escravizados (OS “pisantes”..., 1923, p.4).

O periódico *O Almofadinha* também elaborava colunas sobre belos atributos das moças francanas, como a intitulada *Instantâneos*, texto que compunha frequentemente a primeira capa do folhetim. A coluna *Instantâneos*, escrita por Kodak, iniciava-se por uma introdução poética, na qual o narrador tecia elogios à jovem escolhida, muitas vezes por meio da comparação de sua beleza com elementos da natureza, até mesmo próprios de Franca, criando assim o belo cenário para a apresentação das iniciais de sua perfilada; no decorrer da redação, falava de suas qualidades físicas e morais, além de algumas outras informações, como os lugares que frequentava, a localidade de sua residência e a ocupação de seu progenitor e outros familiares.

Na edição datada de 6 de abril de 1924, Kodak escreveu sobre uma mulher que segundo ele “re-úne [...] todos os dotes necessários, quer físicos como morais, para fazê-la um verdadeiro modelo de beleza e virtude”.

Seus olhos são castanhos vivos, encantadores, e parecem dois astros em cuja luz reflete toda a bondade de sua alma e toda a ternura de seu coração de moça.

Nariz pequeno. Boca delicada, deixando transparecer entre os lábios escarlates, seus alvos e perolinos dentes. Porte altivo e elegante. Quando passa tudo parece sorrir e quando sorri formam-se em seu rosto duas encantadoras covinhas. Muito meiga e modesta, trabalha-se com elegância e singeleza (Kodak, 1924, p.1).

A partir desse perfil, é possível analisar a percepção do jornalista sobre o estereótipo da mulher ideal, caracterizada por ele como dona de uma beleza delicada e postura social modesta. Em contraposição a esse padrão de beleza idealizado pela elite conservadora, surge a melindrosa, nova manifestação do gênero feminino no cenário social do período, que passou também a ser pauta dos textos jornalísticos do *Almofadinha*.

A expressão “melindrosa” deriva do termo *the flapper*, surgido nos países anglófonos durante a década de 1920 para definir as jovens que ainda não tinham alcançado a fase adulta, mas já comportavam-se como tal, além de possuírem um estilo de vida não condizente com o esperado pela sociedade. Através dos meios de comunicação em ascensão na época, o modo de viver *the flapper* foi disseminado pelas grandes cidades europeias, influenciando principalmente a França, que a modificou através do sincretismo com seus elementos culturais próprios, criando assim, *la garçonne*. No Brasil, *flapper* é traduzido para melindrosa, e esse estilo de vida passou a influenciar especialmente as jovens pertencentes às camadas médias urbanas, fazendo com que a melindrosa se tornasse uma tendência de moda

(Melo, 2012, p. 4).

O folhetim abordou esse modo de vida no texto *A melindrosa: perfil*, do jornalista Dr. Fritz, no qual discorre acerca das características de uma mulher identificada apenas como melindrosa, devido a afirmação do autor sobre a jovem ser a representação desse tipo de mulher no Brasil.

Sim, chamo-a melindrosa porque ela possui todos os predicados que caracterizam este tipo de mulher, aqui no Brasil. É de altura regular, um tanto magra conservando, porém, as curvas da estética bem acentuadas. É sobremodo elegante, direi melhor, elegantíssima, quer sob o ponto de vista do seu andar levemente ondulado, quer pelo vestuário enfeitador de seu corpo grácil.

É o que, em francês, se denomina: - uma mulher chic (Dr. Fritz, 1923, p.2).

Possivelmente inspirados pela figura da melindrosa, os autores que já faziam parte do grupo editorial do periódico *O Almofadinha*, resolveram criar um novo jornal que explora mais profundamente esta personagem moderna, intitulado de *A Melindrosa*.

A MELINDROSA

Figura 2 – Primeira página do primeiro número do periódico *A Melindrosa*



Fonte: Acervo digital do Museu Municipal José Chiachiri, uso da imagem permitido pela instituição. Acesso em 14 de Setembro de 2023.

A primeira edição da *A Melindrosa* chegou ao público em setembro de 1924. A apresentação do periódico se baseia na descrição da personagem que o intitula, a Melindrosa, que, em primeira pessoa, se apresenta para a sociedade francana. Ela caracterizava seu nascimento como fruto da reunião de entusiasmados jovens escritores, que a criaram com o objetivo de alegrar e divertir a população de Franca. A *Melindrosa* é descrita como uma moça de beleza humilde, repleta de sonhos e ilusões, tornando-se, portanto, encantadora. An-

tenada às tendências da modernidade, especialmente os modismos franceses, sempre espanta a tristeza com seus vestidos multicoloridos e cabelos dourados. Era católica e amante dos bons costumes, portanto recusava-se a implantar nos lares de seus leitores ideias que fugissem da moral cristã. Dessa maneira, a Melindrosa era uma mulher recatada e modesta, embora seu nome pudesse sugerir o oposto.

Desde a sua apresentação, percebe-se grande similaridade entre a estrutura textual do *O Almofadinha* e da *A Melindrosa*, uma vez que foram idealizados e escritos pelo mesmo grupo editorial. Assim, algumas de suas colunas possuíam a mesma proposta, principalmente as colunas de comportamento, como *Perfilada* e *Perfil Masculino*, repletas de perfis femininos e masculinos, respectivamente, na "Terra do Capim Mimoso".

Dentre as várias colunas que compunham o periódico, *A Melindrosa* contou com a coluna de destaque, *Perfilada*, na qual os autores elegiam e descreviam uma jovem moradora da cidade de forma poética, identificando-a apenas pelas iniciais. Auto-anunciada como *Imprensa da Mocidade francana*, na coluna em questão, o folhetim apresentava jovens solteiras consideradas "bom partido". Tais descrições evidenciavam o comportamento esperado das "mulheres de bem" pela sociedade do período, incluindo por elas mesmas.

Na primeira edição de *Perfilada*, escrita pelo jornalista conhecido pelo pseudônimo Gênio, o autor descreve uma jovem identificada pela suas iniciais, M.B.V. A principal característica que saltava aos olhos do autor eram os belos cabelos longos da moça, que garantiam a ela um tom de superioridade e respeito, em contraposição à novidade dos penteados presos e cortes curtos das primeiras décadas do século XX, populares entre as melindrosas. Ou seja, a partir da ênfase dada a esse atributo físico, percebe-se a apreciação do jornalista do padrão de beleza feminino tradicional.

Quase loira!...

Mimosa como uma flor!

Seus cabelos longos, tendo a cor de crepúsculo de uma tarde de agosto, dão-lhe um ar de superioridade e respeito, pois a tesoura maldita por lá não passou!... E prazam aos céus, sempre clementes, que nunca tenha de ceifar aquelas madeixas bastas, que são o orgulho de muita gente!... (Gênio, 1924, p.1).

Como já mencionado, as descrições físicas das mulheres focam em detalhes como cabelo, olhos e corpo, esses comparados a belezas naturais, garantindo ao texto um tom poético. Comparar o feminino com a natureza era, aliás, uma característica própria dos movimentos literários vigentes no período histórico, especialmente o Realismo e o Naturalismo², que, devido a herança de uma tradição literária dentro do fazer jornalístico desde os primórdios da história da Imprensa no Brasil, inspiraram os jornalistas a usufruir da estética realista e naturalista em seus textos, como ocorreu em *O Almofadinha* e *A Melindrosa* (Guedes,

2012).

Quanto às características psicológicas, obviamente associadas ao comportamento, as mulheres eleitas para a coluna eram sempre apontadas como modestas e recatadas, comportamento feminino dito como ideal dentro de tal sociedade, visto que se relacionava com a estrutura familiar tradicional.

Especialmente sobre o comportamento associado à função social feminina, a coluna destaca a posição coadjuvante delas em relação aos homens e as aptidões necessárias para desempenhar suas funções domésticas e se transformarem em boas esposas.

No texto *Mulheres Pobres e Violência no Brasil Urbano* (2004), a historiadora Rachel Soihet examina a situação social das mulheres pertencentes às camadas populares no contexto da *Belle Époque* brasileira, período caracterizado pela alteração do cenário urbano e dos hábitos sociais em detrimento dos anseios das classes dirigentes de tornarem-se metrópoles civilizadas, ancoradas no modelo de vida francês. Diante disso, surgiu a necessidade de incluir as classes baixas no processo de modernização do espaço, tanto no uso de sua mão-de-obra no trabalho livre quanto em sua participação na sociedade, fazendo com que a elite cobrasse delas o respeito às convenções sociais, muitas vezes presentes no próprio fundamento jurídico.

Segundo a autora, os interesses econômicos e a medicina uniram-se a fim de concretizar os novos propósitos da elite por meio da afirmação da medicina social que homens e mulheres detinham determinados comportamentos devido a sua relação com seu gênero biológico; ou seja, mulheres possuíam uma predisposição a serem frágeis, dóceis, dedicadas aos anseios de seu lado emocional e suscetíveis à vocação maternal. Em contraposição, o homem era passível a conjugar sua força física, a racionalidade, autoridade, empreendedorismo e um intenso desejo sexual. Tais explicações científicas alicerçaram a institucionalização de um padrão comportamental ideal dos gêneros, além de estabelecer uma relação de submissão da mulher ao homem. Desse modo, o periódico incentivava e destacava a conduta feminina esperada socialmente, fundamentada pela ciência médica (Soihet, 2004).

Além de todo o exposto, a coluna *Perfilada* ainda destacava a importância da religiosidade nas mulheres. Assim, comumente o autor indicava a frequência e a localidade da Igreja da qual a jovem participava, explicitando sua fidelidade à moral e aos bons costumes segundo o catolicismo. Em 28 de setembro de 1924, ao apresentar aos leitores do periódico "um dos ornamentos mais preciosos do belo sexo francano" e falar sobre sua devoção a Cristo, o autor exalta o seu comportamento social por meio de uma comparação entre uma moça e uma santa.

Aos domingos comparece à missa da capela do Collegio de Nossa Senhora de Lourdes e,

vendo-a de joelhos ante o altar, se nos afigura que a própria santa está a contemplar, satisfeita, esta outra santa, de carne e osso, como que abençoando-lhe tanta formosura (Kodak, 1924, p.1).

Após a romântica descrição sobre a figura feminina, o texto segue pontuando algumas informações pessoais, como classe social, lugares frequentados ou até mesmo detalhes sobre a localização de sua residência, assim como é feito nos perfis de comportamento de *O Almofadinha*.

O periódico *A Melindrosa* também dispunha de um espaço para engrandecer os homens francanos, intitulado como *Perfil masculino*; ao fazê-lo, o autor argumentava que a necessidade da criação da coluna surgiu devido a sua grande admiração do sexo masculino e seu desejo de res-tabelecê-lo como centro da escrita literária:

Vou abrir a sessão dos perfis masculinos. Muitos acharão extravagante esta ideia, pois habituaram-se a idolatrar a mulher e julgam que o homem não deve ser decantado pela pena dos escritores. Mas eu, sendo um admirador do sexo forte – do meu sexo em fim, quero empregar os meus fracos, porém sinceros recursos litterarios para engradecer o rei da natureza, restituindo-lhe o centro que ele, por excesso de generosidade, entregou à mulher (X., 1924, p.3).

Dessa maneira, os colunistas empenharam-se em uma tarefa semelhante à feita na *Perfilada*, ou seja, buscaram descrever os atributos físicos e comportamentais dos indivíduos com a finalidade de apresentá-los à sociedade francana e encantar as leitoras, principalmente àquelas que desejavam se casar. Entretanto, os escritores recusaram-se a utilizar as românticas figuras de linguagem empregadas nos textos sobre o feminino, além de explorarem a ironia durante suas descrições e abordarem as qualidades e defeitos dos perfilados. A distinção entre a estrutura textual reforça a diferenciação no tratamento dos sexos pelos autores, essa como relevante para a permanência dos "bons costumes" diante de um cenário social que vivenciava a evolução do processo de individualização.

Na coluna *Piparotes* os jornalistas também comprometeram-se a discutir sobre o funcionamento ideal das dinâmicas sociais, incentivando os leitores a enviarem questões contemporâneas para o folhetim a fim de serem respondidas nas próximas edições pelo jornalista Maneco Mandiroba, o qual se destaca pelo seu tom cômico ao refletir sobre tais dúvidas.

A primeira edição é marcada pela discussão sobre a moda da época, uma vez que uma leitora enviou ao jornalista uma pergunta, originalmente endereçada ao periódico *O Almofadinha*. Na correspondência recebida pelo correio, Lourdes admitia-se angustiada sobre a decência de suas roupas após ser criticada pelo comprimento de seu vestido (curto). Ela buscava, então, a opinião do colunista que afirmou, já pedindo desculpas pela sua visão de mero espectador e não es-

pecialista, achar meio escandalosos mesmos as *toilettes*. Entretanto, o jornalista ironiza a situação afirmando que tal moda poderia proporcionar uma vida menos dispendiosa aos pais e maridos, visto que tal tendência diminuiria a quantidade de tecido necessária para a confecção das roupas. E termina ironizando que talvez as roupas femininas cheguem ao tempo de “Adão e Eva”.

Apesar do expressivo conservadorismo, o autor demonstrou certo apreço por algumas mudanças modernas, como os cabelos “à la garçonnette”, que tornavam a mulher elegante e a destacavam entre as demais. Mas ainda ironizou o menor tempo das mulheres se arrumarem se tiverem cabelos curtos, uma vez que, como o ideal inglês, “tempo é dinheiro”.

Maneco, ao ser questionado sobre sua opinião acerca do matrimônio, inicialmente indicava para o leitor não se casar, em razão ao aumento do custo de vida, entretanto, admitiu que o cotidiano do homem seria melancólico sem a presença feminina. Dessa forma, o colunista considerava o casamento necessário, mas recomendava cuidado com o tipo de mulher que o homem desposaria:

Casa! Mas, não procure esposa entre essas bonecas louras da elegância, de epiderme acetinada e alva, temperada pelo luxo, entre essas Vênus de encomenda que deixam ver as estruturas através da gaze dos vestidos. [...] Deve procurar uma linda figura de modéstia, ingenuamente enobrecida, de ar simples, sem sorrisos em aspas de carmim e olhares de sombra de bistre, com quem possa passar de braço dado, pelas ruas, sem os comentários estigmatizados dos times que se agrupam pelas esquinas (Mandiroba, 1924, p.2).

Na última edição da coluna, o jornalista foi questionado sobre a educação feminina em tempos de “la garçonnette”, isto é, como o novo período histórico e suas transformações sociais influenciaram a desvalorização da educação das mulheres e sua beleza, uma vez que a posse monetária bastaria para as tornarem atraentes e belas. Maneco argumentou que as mães deveriam se encarregar de garantir conhecimento necessário para que as meninas se tornassem boas esposas, indicando não apenas ensinamentos domésticos, mas também aqueles advindos do ensino formal. Assim, a mulher teria belos atributos mesmo se não fosse bela e rica.

vés do posicionamento dos jornalistas a favor da perpetuação dos “bons costumes” e de suas críticas a diversas inovações no ordenamento social, principalmente em relação às novas manifestações de gênero surgidas nesse contexto histórico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo apresentado foi desenvolvido com o intuito de analisar o discurso dos escritores dos periódicos francanos *O Almofadinha* e *A Melindrosa*, redigidos durante a década de 1920, uma vez que, diante da participação destes indivíduos da elite da cidade, caracterizada por sua posição política conservadora, seus textos jornalísticos, apesar de anunciarem as novidades da modernidade, detinham um caráter conservador atra-

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Veruschka de Sales. Aspectos da "Belle Époque" e da produção cultural a cidade de Franca. *In*: DOIN, José Evaldo de Mello; PEREIRA, Robson Mendonça (org.). **A Belle Époque caipira: a saga da modernidade nas terras do café (1864-1930)**. Franca: UNESP-FHDSS, 2005. p. 173-193.

DOIN, José Evaldo de Mello. et al. A Belle Époque caipira: problematizações e oportunidades interpretativas da modernidade e urbanização no mundo do Café (1852 - 1930): a proposta do Cemumc. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 91-122, 2007..

ELIAS, Norbert. **O processo civilizatório**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FRITZ, Dr. A melindrosa: perfil. **O Almofadinha**, Franca, p. 2, 8 jul. 1923.

GÊNIO. Perfilada. **A Melindrosa**, Franca, p. 1, 21 set. 1924.

GUEDES, Nicoli Glória de Tassis. Do jornalismo literário à objetividade jornalística: as narrativas jornalísticas e a tradição das narrativas realistas/naturalistas brasileiras. **Revista Escrita**, Gávea, n. 14, p. 1-20, 2012.

KODAK. Instantâneos. **O Almofadinha**, Franca, p. 1, 6 abr. 1924.

KODAK. Perfilada. **A Melindrosa**, p. 1, 28 set. 1924.

MANDIROBA, Maneco. Piparotes. **A Melindrosa**, p. 2, 12 out. 1924.

MARTINS, Ana Luiza.; LUCA, Tania Regina de. **Imprensa e cidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

MELO, Alexandre Vieira da Silva. Melindrosas e almofadinhas: O masculino e o feminino por meio das charges nas revistas ilustradas (Recife, década de 1920). *In*: ENCONTRO NACIONAL DA REDE FEMINISTA NORTE E NORDESTE, 18., 2014, Recife. **Anais [...]**. Recife: EDUFRPE, 2014. p. 3195-3210.

MELO, Alexandre Vieira da Silva. Representações de Gênero: Melindrosas e Almofadinhas nas Revistas do Recife dos Anos 1920. *In*: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH-RIO, 15., 2012, São Gonçalo. **Anais [...]**. São Gonçalo: ANPUH-RIO, 2012. p. 1-11.

OS "pisantes" de Raphael. **O Almofadinha**, Franca, p. 2, 8 jul. 1923.

PANÇA, Sancho. Bonecos e Calungas. **O Almofadinha**, Franca, p. 2, 8 jul. 1923.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões e criação cultural na Primeira República**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989..

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil Urbano. *In*: DEL PRIORE, Mary. (org.). **História das Mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

TEICH, D. H. **A solução veio dos emergentes**. Exame, São Paulo, ano 43, n. 9, ed. 943, p. 66-67, 20 maio 2009.

X. Perfil masculino. **A Melindrosa**, p.3, 21 set. 1924.